

MÚSICA, IGREJA E SOCIEDADE: OS IMPACTOS DA EDUCAÇÃO MUSICAL NÃO ESCOLAR NO COMPORTAMENTO SOCIOFAMILIAR

Leandro de Sousa Almeida¹

Valéria Andrade²

Marcelo Alves de Barros³

Rafael Barros de Sousa⁴

RESUMO

O presente artigo é um recorte da monografia apresentada ao curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo, na área de conhecimento em Linguagens e Códigos, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), no Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA). Esta experiência foi realizada na Igreja Evangélica Congregacional (IEC) de Sumé - PB, com as crianças e pré-adolescentes da Orquestra Infanto-juvenil de Flauta Doce. A pesquisa buscou descrever analiticamente as contribuições do ensino de música no contexto não formal para o comportamento das crianças e pré-adolescentes do grupo nos contextos familiar e social. Neste sentido, refletiu-se sobre quais contribuições a música trouxe para questões comportamentais dos/as flautistas, a saber: aspectos emocionais, generosidade, caráter etc. Os/as pais/mães e amigos/as e demais familiares dos/as alunos/as foram entrevistados/as e puderam relatar os resultados que o grupo inferiu na vida das crianças e pré-adolescentes, e como isso colaborou nos âmbitos social e familiar. Também foi destacada a visão dos/as integrantes com relação ao comportamento familiar e social.

Palavras-chave: Ensino de música; Música e sociedade; Música na igreja; Educação não formal; Flauta doce.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é um recorte da monografia apresentada ao do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Educação do Campo, na área de conhecimento em Linguagens e Códigos, da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), no Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA). Esta experiência foi realizada na Igreja Evangélica Congregacional (IEC) de Sumé - PB, com as crianças e pré-adolescentes da Orquestra Infanto-juvenil de Flauta Doce.

¹ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), leandro_almeida_15@hotmail.com.

² Professora Doutora em Letras na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), no Centro de Desenvolvimento Sustentável do Semiárido (CDSA), na Unidade Acadêmica de Educação do Campo (UAEDUC), Val.andradepb@gmail.com.

³ Professor do Departamento de Sistemas e Computação (CEEI/UFCG), mbarros@computacao.ufcg.edu.br.

⁴ Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Literatura e Interculturalidade da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), r.barros879@gmail.com.

A pesquisa teve dois objetivos. No primeiro buscou-se descrever analiticamente as contribuições do ensino de música no contexto não formal para a construção de um comportamento ético das crianças e pré-adolescentes do grupo nos contextos familiar e social. Neste sentido, refletiu-se sobre quais contribuições a música trouxe para questões comportamentais dos/as flautistas, a saber: aspectos emocionais, generosidade, caráter etc. Os/as pais/mães e amigos/as e demais familiares dos/as alunos/as foram entrevistados e puderam relatar os resultados que o grupo inferiu na vida das crianças e pré-adolescentes, e como isso colaborou no âmbito social e familiar. Também foi destacada a visão dos/as integrantes com relação ao comportamento familiar e social.

Os/as alunos/as integrantes da Orquestra Infanto-juvenil de Flauta Doce são todos/as evangélicos/as da própria igreja e as músicas (o verbal – conteúdo das letras) aprendidas e tocadas também são de caráter cristão. Assim, é válido perceber que estão aprendendo música de acordo com o seu próprio gosto musical, em razão de que as músicas aprendidas estão contidas no repertório de hinos da igreja, fazendo com que a aprendizagem se torne bem mais significativa e prazerosa. Sem pretender desmerecer outros estilos musicais, é importante intensificar aquilo que faz parte do contexto e que atende aos valores sociais e simbólicos específicos do grupo.

Neste sentido, é imprescindível que crianças, pré-adolescentes e jovens tenham acesso ao ensino de música e que esse saber seja assegurado nas várias instâncias da educação. Na realidade, este ensino não tem se efetivado integralmente nas escolas de educação básica, principalmente as públicas, como assegura a Lei nº 11.769/08 da educação musical. Sendo assim, esse relato de experiência no ensino-aprendizagem de música na Orquestra Infanto-juvenil de Flauta Doce pretende mostrar a possibilidade de ensino-aprendizagem de música em um espaço diferenciado.

No segundo objetivo deste trabalho, diante do atual desafio de se adequar a oferta do ensino da música, em quantidade de vagas e em qualidade do ensino, às reais necessidades da população estudantil no Brasil, buscou-se investigar o papel do ensino da música no contexto não formal de educação, neste caso, em uma igreja evangélica tradicional. Buscamos mostrar como se desenvolve essa experiência no contexto não formal de educação, neste caso, em uma igreja evangélica tradicional. O estudo apresenta os desafios, resultados e crescimento musical proporcionados mediante este ensino-aprendizagem de música, sobretudo para ressaltar a importância de se incentivar a educação musical nesses espaços. Ele baseia-se na hipótese de que é possível promover transformação social na vida das pessoas por meio do acesso à educação e em especial também à educação musical. A música deve ser oportunizada

e tornada acessível às crianças, principalmente, pois nessa fase elas ainda estão construindo sua identidade e a educação vai lhes ajudar a perceber mais nitidamente qual o seu papel em sociedade. Mais do que formar um grupo musical de flautas, o trabalho com essas crianças deve ter o objetivo de nutrir-lhes a alegria e ajudá-las enquanto futuras pessoas adultas em exercício da cidadania, como também ampliar e reforçar os valores da sua crença religiosa.

A influência da música no padrão de comportamento sociofamiliar

Que a música tem seu aspecto naturalmente social, isso não se pode negar. Em se tratando da música para além da escola, os gregos eram especialistas. Neste sentido, o filósofo Platão (427-347 a.C.) em sua obra *A República*⁵ (escrita por volta de 380 a.C.) já mostrava nitidamente uma visão social da música relativamente à cidade (polis). Dentre tantos/as personagens da sociedade grega, Platão falara, em destaque, da formação dos *guardiões*⁶, homens guerreiros cujo objetivo era guardar as cidades, aos quais era oferecida uma educação que não só valorizava o corpo físico no trabalho com a ginástica, mas também a música na valorização da alma leve. Enquanto a ginástica refletia no corpo, a música refletia na alma.

Assim, Platão acreditava que a alma era superior ao corpo, e em se dando ênfase às questões espirituais, se refletiria no próprio corpo essa espiritualidade. A música, portanto, era um elemento que contribuía fortemente na formação de uma alma boa. Para tanto, a música e a ginástica juntas poderiam tornar os guardiões em homens fortes e corajosos, mas também bondosos e generosos sentimentalmente. Para Platão a música corroborava para com o comportamento cortês e sentimental que se reflete em sociedade, o que também o filósofo designava como *Kallipólis*⁷, que significa: cidade bela. Uma cidade bela, portanto, é uma cidade equilibrada e harmoniosa, onde seus/suas cidadãos/ãs podem viver em alegria e paz.

Neste sentido, Carlos Eduardo Ribeiro Aguiar (2007, p. 1) diz:

A arte em Platão se encontrava ligada as questões relacionadas à ética e a política. Vendo a instabilidade da vida política grega, o pensador percebeu a necessidade de se buscar uma melhor formação ética para a sociedade, a fim de impedir que desejos individuais não sobressaíssem nas decisões políticas vigentes.

⁵ A República foi escrita por volta de 380 a.C., e busca situar formas de harmonização administrativa de uma cidade, tornando-a livre de anarquias (interesses individualistas).

⁶ Os Guardiões deveriam possuir as maiores virtudes dentre todos os outros cidadãos.

⁷ A “Kallipolis, segundo Platão, é o governo dos homens mais sábios e mais parecidos com os deuses; é o mundo sem tempo, o mundo das formas e das Ideias, a cidade do céu, onde se faz uma descrição idealizada a partir das antigas constituições de Creta e de Esparta; uma polis que não tem necessidade de leis, nem está dependente da opinião popular” (MALTEZ, 2004, p.1).

Dessa maneira, Platão pensava a música e as demais artes como um recurso capaz de conscientizar as pessoas para uma harmonização social, que contribuía contra os conflitos sociais, para que, também não se erguesse a anarquia, ou seja, em seus termos, a evidência dos interesses particulares, o que poderia distorcer a sociedade em questões igualitárias. Em suma, Platão pensava a arte, de modo geral, potencialmente como produtora de reflexão, respeito, empatia e harmonia social. Em síntese a essas ideias, como já mencionado, o filósofo Platão pensava a arte muito além dos muros da escola. Para Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.), sucessor de Platão, em seu pensamento de forma mais ampla a respeito da música, esta estaria em três instâncias, a saber: educação, catarse e repouso. Quanto à educação, este filósofo considerava que as músicas imitavam os vícios e virtudes da sociedade, o que poderia influenciar na educação das pessoas, devido aos efeitos dessa arte na alma das pessoas, e por isso, deveria haver muita sutileza no que diz respeito ao ensino da música. Quanto à catarse, a música era tida como uma medicina para alma quando imitava paixões e emoções que geravam dor e tormento, fazendo, então, a purificação desses sentimentos. Quanto ao repouso, Aristóteles pensava a música, acima de tudo, como um prazer, ou seja, nos momentos de ócio, os jovens poderiam relaxar ao som de músicas. Sendo assim, a música era a cura para a sensação de desgosto provocada pelo trabalho braçal que deixava os jovens cansados, e então nos momentos de descanso a música deixava-os aliviados (AGUIAR, 2007).

Portanto, desde a Grécia antiga até hoje a música esteve fortemente vinculada aos ideais sociais. Se observarmos bem, historicamente, a música sempre foi mais evidente fora da escola. Os/as maiores músicos/musicistas, compositores/as e instrumentistas, inclusive, brasileiros/as, não aprenderam música na escola, pois o contato que tiveram com música, se deu em espaços diferentes, mas, mesmo assim, foram, evidentemente, bem instruídos/as. Nesse sentido, não importa tão somente onde se aprende música, mas como se aprende. São vários os espaços de educação musical hoje, a exemplo de fanfarras, filarmônicas, bandas de igreja, bandas militares, orquestras, conservatórios, grupos regionais, grupos de repente, bandas de forró etc. Esses grupos, em sua maioria, se concentram em ambientes não escolares (não formais), mas, nem por isso deixam de educar. Então, nota-se que música nas escolas é mais um espaço que vem paulatinamente se afirmando e ganhando maiores proporções.

Dessa forma, é interessante se estabelecer um diálogo entre educação musical escolar (formal) com os demais grupos compreendidos em outros espaços (não formais), sobretudo para se perceber mais amplamente como a música é diversa e como ela tende a se constituir de forma específica em diferentes contextos. A música não deve se restringir apenas a uma

sala de aula ou a um determinado grupo, pois de fato ela acontece para além das instituições, se manifesta na vida prática das pessoas e por isso é considerável pensar como as pessoas desses espaços apreendem a arte dos sons. No entanto, as *entidades*⁸ não governamentais têm uma dinâmica específica, e a abordagem do/a educador/a musical deve atender à situação do contexto da entidade. Assim, Alda de Oliveira (2003) ainda destaca uma grande problemática no que tange ao profissional que intervém nos espaços de educação não formal, a saber:

A falta de preparação ao enfrentamento dos problemas oriundos dos preconceitos, associados ao público das comunidades carentes. A dificuldade de pensar o planejamento das ações educativas de acordo com a missão das instituições contratantes. Dentro das habilidades em planejamento, está a do profissional pensar com os olhos e os sentimentos do outro, em vez de somente pensar e planejar através da sua própria ótica (OLIVEIRA, 2003, p. 97).

É autêntico pensar que, por ser uma entidade com outra intencionalidade, também precisará perceber que há um estilo de vida diferente, por assim dizer, uma alma diferente nestes grupos, o que diferencia, por exemplo, de um conservatório de música, que se preocupa com a formação de músicos e musicistas profissionais presos/as a uma sistematização de ensino-aprendizagem mais rigorosa. Quando se está envolvido em um processo de educação musical em uma entidade (não formal) que não se preocupa com a “rigidez”, se percebe que há amorosidade em cada ação. As histórias de vida se cruzam nos diálogos, na metodologia e, inclusive, nas músicas. Oliveira diz:

Uma ONG é uma organização não governamental criada para solucionar problemas específicos de um contexto sociocultural, que, de outra forma, não seriam solucionados pelo governo ou pela sociedade em geral. Um grupo de pessoas capacitadas e comprometidas com a missão da ONG precisa estar unido em torno dos objetivos, das metas, das atividades e dos problemas surgidos, a fim de que as propostas principais da instituição sejam cumpridas e a sobrevivência autossuficiente seja atingida e mantida (OLIVEIRA, 2003, p. 95).

Dessa maneira, ao se pensar a intervenção musical nos espaços de educação não formal, é importante levar em consideração os objetivos da organização, quanto ao que ela objetiva promover, até mesmo para pensar-se como intervir metodologicamente de forma que dialogue com as problemáticas da entidade. Isso levará a que tudo faça mais sentido, e, com

⁸ Entidade aqui compreendida como sociedade ou organização que dirige as atividades de um grupo ou classe social.

certeza surgirão elementos riquíssimos para se pensar a música. “Atualmente, o repertório musical varia muito de contexto” (OLIVEIRA, 2003, p.96).

Assim, deve-se refletir sobre a realidade da entidade, tendo em vista que se a entidade, por exemplo, for uma igreja evangélica, as músicas no tocante às suas letras, irão destacar elementos que caracterizam a vida cristã. Neste sentido, os diferentes grupos musicais em diferentes espaços de educação não formal proporcionam um pensar crítico sobre a inclusão, socialização, respeito, interação etc. Mesmo que não seja essa a função evidente e explícita, a atmosfera musical coloca o sujeito a perceber-se enquanto alguém que precisa do/a outro/a.

Para tanto, a música transforma os sujeitos contribuindo para a formação de um padrão de comportamento proveniente da experiência e o contato com a arte dos sons, seja nas escolas (formal) ou além delas (não formal e informal). Com relação a esse padrão de comportamento que é alterado e/ou melhorado, inclusive, aponta Vera Lúcia Pessagno Bréscia (2003, p. 31, *apud* Chiarelli e Barreto, 2005, p.1) que:

Na Grécia Clássica o ensino da música era obrigatório, e há indícios de que já havia orquestras naquela época. Pitágoras de Samos, filósofo grego da Antiguidade, ensinava como determinados acordes musicais e certas melodias criavam reações definidas no organismo humano. “Pitágoras demonstrou que a sequência correta de sons, se tocada musicalmente num instrumento, pode mudar padrões de comportamento e acelerar o processo de cura” (BRÉSCIA, 2003, p. 313).

Grosso modo, Pitágoras, primeiro grego a ser chamado de filósofo, dotado de conhecimento da matemática, astronomia, ciências, física, espiritualidade etc., trouxe o termo cura ao falar da cura das emoções inferiores. Sendo assim, essas emoções inferiores contrapõem-se às atrações positivas. Em outras palavras, são sentimentos negativos curados pelos sentimentos positivos. Neste processo, para ele, a música tem as propriedades “mágicas” para a cura da alma, no que tange àquelas emoções inferiores, gerando, portanto, a prosperidade (condição de constante desenvolvimento e progresso), ou seja, a transformação e ampliação da espiritualidade humana, o que influirá no seu padrão de comportamento⁹. Em linhas gerais, a educação musical deve dialogar de forma contextualizada com as diferentes manifestações socioculturais, em contrapartida com as diferentes experiências afetivas e humanas que refletem em sociedade.

Em termos mais práticos, um/a músico/musicista, integrante de um grupo musical composto por diferentes instrumentos, com afinações diferentes, está dentro de um mundo de sons diversos e mesmo assim consegue estabelecer uma relação harmônica com os/as demais. Ou seja, os diferentes instrumentos do grupo irão executar notas diferentes, com durações curtas e longas, dinâmicas fortes e

⁹ YOU TUBE. **Pitágoras** - Cura das Emoções Inferiores | Mestres da Prosperidade. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ywI3gz8d_q0> Acessado em: 07 de Agosto de 2017.

fracas, alturas graves e agudas etc. Contudo, o/a músico/musicista consegue sentir a combinação dos sons, a formação dos acordes, sobretudo é possível sentir a atmosfera musical se desenhar no momento da música. Então, nota-se que o/a músico/musicista faz-se sujeito participante de valia no grupo. Por isso, é interessante pensar nas relações de respeito e educação musical, a exemplo de ouvir o/a outro/a e perceber sua importância na construção de um som conjunto. Esse ideal não precisa estar apenas nas instituições escolares, mas precisa ir muito além delas. De acordo com Ana Mae Barbosa (2009, p.1):

A Arte na Educação, como expressão pessoal e como cultura, é um importante instrumento para a identificação cultural e o desenvolvimento individual. Através da Arte, é possível desenvolver a percepção e a imaginação para apreender a realidade do meio ambiente, desenvolver a capacidade crítica, permitindo analisar a realidade percebida e desenvolver a criatividade de maneira a mudar a realidade que foi analisada.

Desta maneira, assim como aponta Barbosa, as artes na educação, seja na escola ou fora dela, devem estimular e produzir um pensamento crítico-reflexivo na mente das pessoas, tanto nas que as fazem como nas que as apreciam, para que, portanto, se produza transformação social, assim como do imaginário sobre as realidades individuais e coletivas que concernem aos diferentes grupos sociais. A partir da percepção e análise da própria realidade mediatizada pelas artes, é possível vislumbrar novas perspectivas de vida em comunhão social com as diferenças, valorizando os direitos e deveres de todo e qualquer ser humano. Infelizmente, as escolas públicas, de modo geral, ainda não conseguiram efetivar uma sistemática de ensino de arte mais profícua e sem quebras.

Quanto a isso, o que se tem, evidentemente, é a ideia de arte como última opção de disciplina a ser integralizada na grade curricular. Cabe, inclusive, aos poderes públicos e demais representantes estaduais e municipais a tarefa de levarem à frente essas discussões para gerarem políticas de efetivação de leis, já que foram constituídas, mas não estão sendo cumpridas como devido. Quanto à consciência cidadã ou à transformação social através das artes, isso ainda vem sendo um déficit historicamente. Barbosa (2009) destaca:

As minhas mais recentes pesquisas têm comprovado que o ensino da Arte de melhor qualidade não está nas Escolas, mas nas Organizações Não Governamentais - ONGs, que buscam a reconstrução social de crianças e adolescentes, principalmente nas ONGs comunitárias. No Brasil, todas as ONGs, que têm obtido sucesso na ação com os excluídos, esquecidos ou desprivilegiados da sociedade, estão trabalhando com Arte e até vêm ensinando às escolas formais a lição da Arte como caminho para recuperar o que há de humano no ser humano (p. 1-2).

Por ser a educação artística escolar efetivada e de qualidade considerada uma *utopia*¹⁰ a ser alcançada pelas escolas públicas, o que se tem, em compensação, é a “substituição” dessa imensurável falta. Sendo assim, o preenchimento dessa lacuna provém de uma educação não formalizada que consegue “sanar” essa deficiência (ou “deseficiência”) na educação formal. Entretanto, ao contrário da utopia inalcançável por parte do sistema educacional brasileiro, Maria Isabel Nascimento Ledes [2007?], considera a utopia, numa perspectiva pedagógica, uma realidade concreta e realizável, alcançada via processos sonhadores de construção e transformação da realidade ou natureza dos fatos de forma coletiva, que, portanto, são possíveis de se alcançar. Para tanto, a *utopia realizável*¹¹ é, segundo Ledes, aquela:

[...] que emerge com a proposição de tornar possível um sonho libertador. Uma “Pedagogia de Possibilidade” em que o sonho (utópico) é coletivo e pode tornar-se real, viável. Onde o saber e a ação docente/discente, como “tecnologia cultural”, traz em si a possibilidade do novo e, conseqüentemente da transformação da realidade. Portanto, implica e metamorfose da realidade, ou seja, uma transformação ontológica da natureza da educação (ensinar e aprender), da prática pedagógica e dos papéis sociais do professor e do estudante (LEDES, 2007?¹², p.1).

Para tanto, Ledes (2007) situa a *inovação pedagógica*, ou seja, uma ação sonhadora que pensa mudanças no âmbito pedagógico. Essas ações dependem de forças epistemológicas e democráticas de participação coletiva que vislumbram as melhorias do processo de aprendizagem. Assim, “o utópico pode tornar-se realizável à medida que se tem ousadia para sonhar coletivamente uma educação fundada nos princípios da democracia, equidade e da justiça social” (LEDES, [2007?], p.1).

Portanto, em alusão a essas ideias, a educação musical precisa, acima de tudo, da força coletiva, que pensa (epistemologias e teorias), que sonha (projeção) e transforma (ação coletiva). Desse modo, Barbosa (2009, p.2) destaca que “as ONGs, com muito menos dinheiro do que o Ministério da Educação vem gastando em Educação, conseguem educar melhor e combater muito mais eficientemente a exclusão e a violência que são anti-civilizatórias”.

¹⁰ Utopia é, no senso comum, um sonho irrealizável ou inalcançável.

¹¹ Utopia realizável é aquela alcançada via processos de “vir a ser” de construção democrática e participativa no âmbito pedagógico.

¹² Não há explicitamente a presença do ano de publicação do artigo *Inovação pedagógica* como “*utopia realizável*”: *uma mudança ontológica nos saberes do professor e do aluno*. Entretanto o presente artigo situa sua coleta de dados no ano de 2007. Sendo assim, é provável que este seja o ano de publicação.

Em outros termos, as instituições de caráter não governamentais, que, inclusive, enfrentam desafios tremendos em sua subsistência financeira, são, de fato, veridicamente o único meio público de oferecimento efetivo de uma educação que pensa o ser humano de maneira holística, e que, para tanto, pensa nos mais diferentes aspectos da vida, entre tantos, a saber: afetividade, sociabilidade, respeito, direito à educação, tolerância às diferentes culturas e religiões. Como se sabe, a dinâmica da educação não escolar tende, naturalmente, a promover melhorias na qualidade de vida. No mais, se essa educação não escolar estiver promovendo um ensino-aprendizagem artístico de qualidade, estará, de fato, sendo uma importante fonte de conhecimento nas vidas das pessoas.

Neste curso, não se deve esquecer que música é, assim como define John Blacking (1977, *apud* Elizabeth Travassos, 2007, p.7), *humanly organized sound*, ou seja, som humanamente organizado. Essa organização é um processo criativo de interação entre o ser e o som. Como destaca Travassos em suas asserções: uma humanidade sonora saudavelmente organizada. Essa arte também é uma maneira de exprimir-se e interagir em sociedade, e assim devemos compreendê-la, para que então se efetive intencionalmente as características de uma educação musical que extrapola os muros da escola, tal como aponta Martins Ferreira (2013).

Essa educação musical, portanto, relaciona-se intimamente com os valores estabelecidos pela ética promovida nas relações de caráter e respeito, que, no entanto, são fatores primordiais para a transformação e harmonização das pessoas com as diferentes culturas, religiões, costumes etc. Pensar a música no âmbito social é como pensar a vida organicamente viva, que necessita vitalmente do contato, da troca e da aprendizagem em conjunto, sem promoção de nenhum preconceito sequer. Neste sentido, destacam-se as proverbiais palavras de Paulo Freire (1987, p.68) “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo”. Assim sendo, é no mundo das vivências sociais que o ser humano se constrói enquanto ser sociável.

METODOLOGIA

A abordagem dessa pesquisa configura-se como uma descrição analítica da experiência na Orquestra Infanto-juvenil de Flauta Doce da Igreja Evangélica Congregacional (IEC) de Sumé - PB, e que, portanto, é uma pesquisa descritiva que objetiva descrever experiências vivenciadas, situações surgidas do contexto, fenômenos ligados à realidade e todo o processo de intervenção detalhadamente, proporcionando novas visões sobre uma realidade muitas vezes já conhecida, mas, não muito observada. Os/as sujeitos/as participantes da pesquisa são as doze (12) crianças e pré-adolescentes da

Orquestra Infanto-juvenil de Flauta Doce da Igreja Evangélica Congregacional (IEC) de Sumé # PB, na faixa etária entre 6 a 15 anos.

As crianças e pré-adolescentes do grupo são integrantes do Departamento infanto-juvenil (DIJ) da igreja, o qual dá sustância ao trabalho ministerial com seus/suas integrantes em relação aos propósitos de sua crença religiosa. Os/as integrantes do grupo são filhos/as dos/as membros/as da igreja. Os/as demais participantes dessa pesquisa foram os/as vários/as membros/as do contexto social e familiar dos/as integrantes do grupo. O local de estudo desta pesquisa é a Igreja Evangélica Congregacional (IEC), situada na cidade de Sumé, em funcionamento há mais de meio século (foi fundada em 1959) no município e é de caráter tradicional e reformada, pois segue os ideais da reforma protestante. Encontra-se na Rua Sizenando Leite Rafael N° 209, Centro - Sumé - PB.

A pesquisa também teve o suporte das respectivas escolas nas quais os/as integrantes do grupo estudam. As escolas da rede pública de ensino são: EMEF Padre Paulo Roberto de Oliveira (Fundamental I e II); EMEF Gonçala Rodrigues de Freitas (Fundamental I e II); UMEIEF Irineu Severo de Macedo (Fundamental I); Escola Agrotécnica Deputado Evaldo Gonçalves de Queiroz (Fundamental I e II). As escolas da rede privada de ensino são Instituto Educacional Pai Eterno (Fundamental I e II) e Centro Educacional João Paulo II (Infantil e Fundamental I).

Foi utilizada nesta pesquisa a entrevista estruturada com apoio de instrumento de medição das variáveis investigadas baseado no modelo Escala de Likert que, ao contrário do questionário comum, permite medir as atitudes e conhecer o grau de conformidade do/a entrevistado/a com relação a qualquer afirmação ou questão proposta pelo pesquisador/a. Em outras palavras, as afirmativas e questões foram submetidas a análises pelos/as sujeitos/as que se submeteram a esse modelo de entrevista e de escala de representação simbólica da sua percepção do fenômeno investigado. Foram feitas questões referentes às influências da experiência de ensino aprendizagem musical do/a integrante do grupo com relação ao comportamento familiar e social, cuja investigação se deu pela avaliação pelos sujeitos dos seguintes níveis simbólicos de percepção de influência: atrapalham; não ajudam; ajudam um pouco; ajudam muito; ajudam demais. Esses questionários-roteiros de entrevistas foram usados em encontros presenciais com os pais, mães, tios/as, avôs/ós, amigos/as, parentes, professores/as e integrantes do grupo.

Foram respondidos sessenta (60) questionários do comportamento sociofamiliar, além de doze (12) questionários para os/as integrantes com relação ao mesmo fenômeno investigado. Ao todo, essa pesquisa realizou, portanto, setenta e duas (72) entrevistas. As entrevistas se procederam-se de diferentes maneiras e lugares, pois em alguns casos foram realizadas na igreja, após o término do culto, momento em que a maioria dos/as familiares e amigos/as dos/as integrantes do grupo estão juntos/as, contribuindo, assim, para uma abordagem mais prática e coletiva. Alguns outros membros do contexto familiar e social foram entrevistados em suas residências em diferentes horários previamente marcados. Também foram realizadas na igreja, especificamente na sala do DIJ, as entrevistas com os/as flautistas, que também se deu de forma coletiva.

Os gráficos que seguem apresentam, visualmente por meio de dados de proporcionalidade, os resultados dessa investigação. Observa-se que foram elaboradas questões a respeito de diferentes experiências realizadas no grupo e das percepções dos sujeitos sobre como elas puderam, em diferentes situações: “atrapalhar”; “não ajudar”; “ajudar um pouco”; “ajudar muito” e “ajudar demais”, com relação aos aspectos já mencionados no item anterior.

A pesquisa manifesta seus impactos e/ou resultados à luz de uma experiência não escolar de ensino-aprendizagem, a qual proporcionou a dilatação de um olhar mais holístico sobre música e seu aporte para a educação na forma mais prática e significativa possível, uma vez que, conforme organiza o antropólogo da música Allan Merriam (1964), a música exerce dez (10) funções sociais. São estas as funções: expressão emocional, prazer estético, divertimento, comunicação, representação simbólica, reação física, impor conformidade a normas sociais, validação das instituições sociais e dos rituais religiosos, contribuição para a continuidade e estabilidade da cultura e contribuição para a integração da sociedade. Posto isto, a experiência com música por intermédio da prática de sonoridades no grupo de flauta doce faz, naturalmente, e intencionalmente, alusão às funções que essa arte exerce segundo postulação atribuída pelo musicólogo supracitado. Sem desvanecimento, é possível inferir as contribuições positivas desse ensino-aprendizagem para a vida dos/as integrantes como um todo. Considera-se como contribuição o fato de a maioria destas crianças e pré-adolescentes não terem o ensino de música nas suas respectivas escolas, assim, esse contato com a música no contexto não formal de uma igreja pôde aproximá-las dessa arte no que diz respeito a um estudo mais sistematizado.

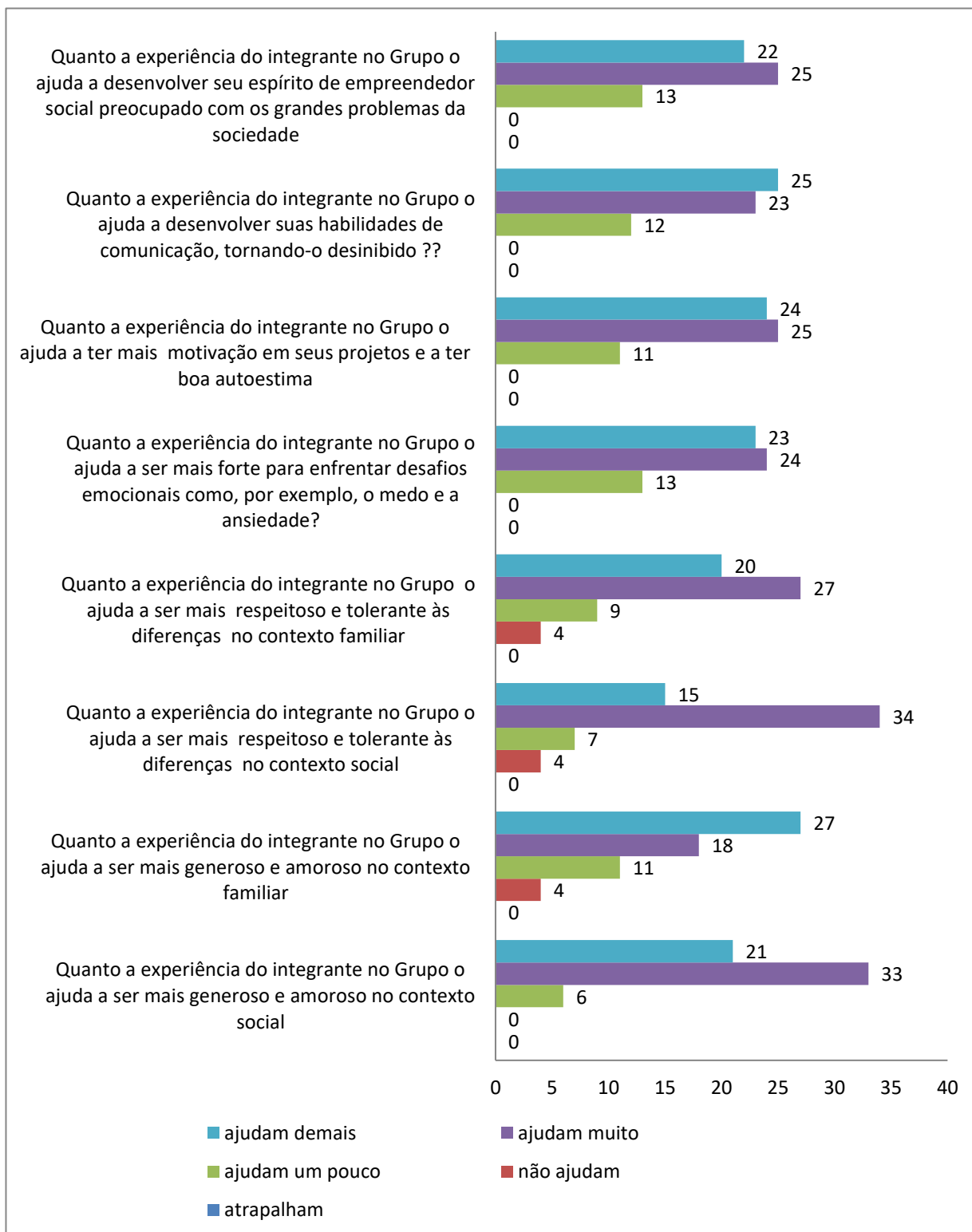
Quanto aos/às integrantes que já têm o contato com a música no ensino formal, essa experiência com as flautas pôde ampliar as possibilidades desses/as estudantes se expressarem artisticamente através da música, uma vez que estes dois tipos de ensino, tanto o formal quanto o não formal, atendem a sistemáticas diferentes, que, no entanto, pensam em comum possibilitar experimentação, aprendizado e fruição através da arte dos sons. Os resultados puderam ser vistos nitidamente quando os/as pais/mães, parentes e amigos/as expuseram suas considerações a respeito, por exemplo, do comportamento da criança ou pré-adolescente, que mudou depois da sistemática do grupo de flauta em que se pensa e se estimula, por exemplo, o trabalho em grupo, o respeito pelo/a outro/a etc. Como também a relação com a família e a sociedade mudou devido às letras que em seus temas estimulavam o amor, o respeito, a paz, o louvor a Deus etc. Enfim, estes são, entre outros, os ganhos adquiridos pelos/as integrantes da Orquestra Infanto-juvenil de Flauta Doce através da experiência do ensino-aprendizagem de música no contexto não formal.

Com relação ao comportamento familiar e social, à luz dos resultados obtidos e ilustrados nos gráficos acima, bem como a partir dos/as seus/suas respectivos/as respondentes, é possível afirmar que é notória a transformação social através da música. Como afirmam os/as pensadores/as Platão (427-347 a.C.), Aristóteles (384-322 a.C.), Aguiar (2007), Oliveira (2003), Brécia (2003), Chiarelli e Barreto (2005), Barbosa (2009), Ferreira (2013), entre outros/as que compõem a fundamentação desta pesquisa, que a música colabora no processo de mudança do padrão de comportamento com relação

aos aspectos que esta pesquisa pôde investigar e posteriormente afirmar, a saber: generosidade e amorosidade no contexto família e social; respeito e tolerância às diferenças no contexto familiar e social; fortalecimento no enfrentamento de desafios emocionais como, por exemplo, o medo e a ansiedade; motivação em projetos pessoais e boa autoestima; desenvolvimento de habilidades de comunicação para ajudar na desinibição.

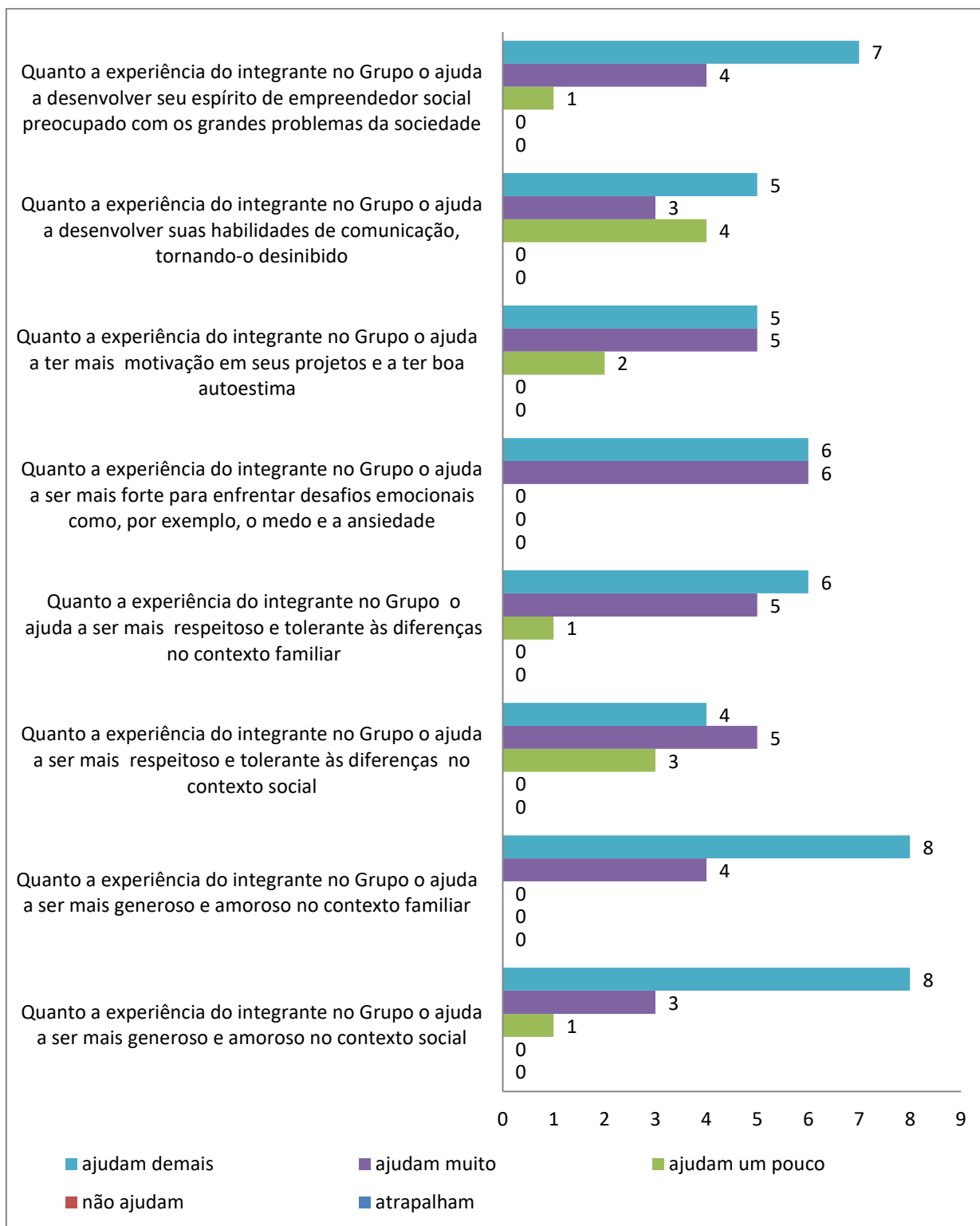
Sendo assim, nos gráficos revelam que a maioria dos/as respondentes afirmaram que a experiência dos/as integrantes do grupo “ajuda muito” e “ajuda demais” com relação aos aspectos do comportamento já mencionados. Sendo assim, esta pesquisa se revela-se importante fonte de dados para se construir reflexões, sobretudo no que diz respeito à prática docente, especificamente do ensino de música. Essa experiência mostra o valor inestimável de se proporcionar o ensino da música, e sua influência diretamente nas vivências dos/as alunos/as que têm o contato com arte dos sons. Dessa maneira, os presentes resultados podem inspirar aos/as arte educadores/as e acentuar a música em escolas e outros espaços educativos, de forma que o seu ensino seja contextualizado, com significados e a possibilidade de transformar socialmente.

Gráfico 1 – Pesquisa com familiares: o gráfico de número um (1) apresenta questões com relação às influências do grupo nos diferentes aspectos do comportamento social e familiar. Sendo assim, nas cores azul, lilás, verde e vermelha estão o número de respondentes com relação ao grau de conformidade com a questão colocada.



Fonte: ALMEIDA, Leandro de Sousa, 2017.

Gráfico 2 – Pesquisa com integrantes do grupo musical: o gráfico dois (2) apresenta questões com relação às influências do grupo nos diferentes aspectos do comportamento social e familiar. Sendo assim, nas cores azul, lilás, verde e vermelha estão o número de respondentes com relação ao grau de conformidade com a questão colocada.



Fonte: ALMEIDA, Leandro de Sousa, 2017.

Figuras 1 e 2 – As imagens ilustram as atividades regulares de apresentação da orquestra na Igreja Evangélica Congregacional em Sumé – PB.



Fone: ALMEIDA, Leandro de Sousa, 2017.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa tratou dos impactos da educação musical sobre os comportamentos e sobre o bem estar das crianças em fase escolar e do papel estratégico do ensino-aprendizagem de música em ambientes não formais como complemento da sua oferta insuficiente em quantidade de vagas e em qualidade nas escolas, uma vez que esta é uma problemática observada no contexto geo-político deste estudo, na cidade de Sumé, onde foi diagnosticada a falta do ensino efetivo dessa arte. Observou-se nos resultados, inequivocamente, os impactos positivos sobre o comportamento no lar, sobre o exercício da cidadania nos espaços sociais e sobre do valor do ensino da música em espaços não formais de educação. A Lei 11.769/08 estabelece a obrigatoriedade do ensino de música nas escolas, mas não garante a sua oferta nas escolas de educação básica: o ensino não formal consegue promover, por meio de outras estratégias, experiências com essa arte. Assim, esse trabalho também faz chamado aos poderes públicos municipais e estaduais para se inspirarem na experiência aqui descrita, no que tange à ratificação do valor que há na experiência com as artes, especificamente com a música, inclusive, no processo de formação de cidadãos/ãs para o exercício da cidadania, de forma que o respeito e a harmonia social possa se dá com mais eficácia. Este trabalho também fortaleceu a formação desse autor quanto à sua formação profissional, solidificando sua formação enquanto educador habilitado para a docência na área de Linguagens e Códigos, pela Licenciatura em Educação do Campo, a qual agrega a música. Finalmente, foi possível vislumbrar-se com mais nitidez os horizontes de possibilidades no que diz respeito ao ensino-aprendizagem de música. A experiência da Orquestra Infanto-juvenil de Flauta Doce também poderá inspirar a formação de outros grupos musicais em

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

diferentes espaços educativos, para que se possa propagar a arte dos sons, proporcionar transformação social e qualidade de vida não só aos/as seus/suas integrantes, mas também a todos/as que apreciam essa arte.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Carlos Eduardo Ribeiro. **Platão: Contribuições da música na formação do cidadão. “Existência da arte”** – Revista Eletrônica do Grupo PET – Ciências Humanas, Estética e Artes da Universidade Federal de São Paulo João Del-Rei – Ano III – Número III – janeiro a dezembro de 2007. Disponível em: <http://www.ufsj.edu.br/portal-repositorio/File/existenciaearte/Edicoes/3_Edicao/exemplo%20artigo.pdf>. Acesso em 01 de Agosto de 2017.

BLACKING, John. **The anthropology of the body**. London: Academic Press, 1977.

BRÉSCIA, Vera Lúcia Pessagno. **Educação Musical: bases psicológicas e ação preventiva**. São Paulo: Átomo, 2003.

CHIARELLI, Lúgia Karina Meneghetti; BARRETO, Sidirley de Jesus. **A importância da musicalização na educação infantil e no ensino fundamental: A música como meio de desenvolver a integração do ser**. Recreart, Santiago de Compostela, jun. 2005. Disponível em: <<http://www.iacat.com/revista/recrearte/recrearte03/musicoterapia.htm>> . Acesso em: 23 de Julho de 2017.

FERREIRA, Martins. **Como usar a música na sala de aula**. Martins Ferreira. 8.ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2013. – (Coleção como usar na sala de aula).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

LEDES, Maria Isabel Nascimento. **Inovação pedagógica como ‘utopia realizável’**: uma mudança ontológica nos saberes do professor e do aluno. Didática e Prática de Ensino na relação com a Escola. Secretaria de Educação do Distrito Federal - SEDF/CAPES-UnB – EdUECE; Livro 1, 02628.

MERRIAM, A O. **The anthropology of music**. U.S.A.: North # West University Press, 1964. Disponível em: <http://www.posgrado.unam.mx/musica/lecturas/etno/complementarias/Merriam%20Alan-The_Anthropology_of_Music-1.pdf>. Acessado em 29 de Setembro de 2017.

OLIVEIRA, Alda de. **Atuação profissional do educador musical: terceiro setor**. Revista da ABEM, Porto Alegre, n. 8, p. 93-99, mar. 2003. Disponível em: <http://site1367507129.hospedagemdesites.ws/revista_abem/ed8/revista8_artigo16.pdf>. Acesso em: 23 de Julho de 2017.

TRAVASSOS, Elizabeth. **John Blacking ou uma humanidade sonora e saudavelmente organizada**. Cadernos de campo, São Paulo, n.16, p. 1-304, 2007.

YOU TUBE. **Pitágoras** - Cura das Emoções Inferiores | Mestres da Prosperidade. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ywI3gz8d_q0>. Acessado em: 07 de Agosto de 2017.